

GADOTTI, Moacir. “Prefácio”. In: TORRES, Carlos Alberto. *Pedagogia da luta: da pedagogia do oprimido à escola pública popular*. Campinas: Papirus, 1997.

Prefácio

Carlos Alberto Torres, sociólogo e educador, atual diretor do Latin American Center da Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), já é bastante conhecido pelos educadores brasileiros que trabalham com educação popular. Seu livro *A política da educação não-formal na América Latina*, editado em 1992 pela Paz e Terra, é o livro mais completo sobre o assunto publicado no Brasil.

Autor de uma vasta obra no campo da sociologia política da educação, depois de publicar diversos estudos sobre educação popular, sempre fundamentados em farta documentação, apoiando-se em dados e fatos, pesquisa e muita reflexão, ele nos apresenta agora estes estudos, fruto de sua longa convivência com Paulo Freire. Paulo Freire disse certa vez que foi Carlos Torres a pessoa que mais o entrevistou na vida.

A paixão de Torres por Freire é antiga. Foram deles os primeiros estudos publicados na América Latina sobre o autor, ainda na década de 1970. Entre eles, destacamos: *Leitura crítica de Paulo Freire* (1975); *Diálogo com Paulo Freire* (1977); *Consciência e história: A práxis educativa de Paulo Freire* (1977); *Paulo Freire: Pedagogia e sociedade* (1978) e *Paulo Freire na América Latina* (1978). Após esse período, Carlos Torres continuou estudando Paulo Freire e é hoje um dos pesquisadores que dispõe de maior documentação sobre ele.

O livro *Pedagogia da luta*, que temos a honra de apresentar, dando continuidade à série “Educação Internacional”, dá conta de um Paulo Freire mais recente. Ao lado do aprofundamento das raízes teóricas do pensamento de Paulo Freire, ele analisa, com distanciamento crítico, a atuação de Freire à frente da Secretaria de Educação no município de São Paulo (1989-1991).

É muito difícil classificar Freire. Com o conhecimento que tem de sua obra, Torres conseguiu resumir numa palavra o seu conteúdo mais significativo: a *luta*. *Pedagogia da luta* fala da essência do legado de Paulo Freire. Ele se constitui num chamado permanente ao compromisso e à luta pela emancipação, na qual a educação pode vir a ter um papel decisivo.

Com a publicação deste livro, o Instituto Paulo Freire (IPF) está lançando sua segunda obra de Freire. A primeira foi Paulo Freire: Uma biobibliografia, publicada pela editor Cortez em abril de 1996, para a qual Carlos Torres também escreveu uma bibliografia intelectual. O projeto do IPF é muito ambicioso: conseguir articular essa imensa massa de pessoas e instituições que têm Paulo

Freire como referência básica e transformá-la numa força em favor de uma educação de mais qualidade humana para todos.

A publicação dessas duas obras marcará o projeto do IPF, que já conta com 21 núcleos de estudos freirianos em 18 países. Como esses núcleos nascem do estudo da obra de Paulo Freire e de alguns dos seus mais importantes intérpretes, temos certeza de que este livro será um dos mais requisitados. Como um bom scholar, Torres, no final do livro, aponta desdobramentos possíveis para futuras pesquisas e estudos que ajudarão o leitor a continuar a caminhada. Essa “agenda para pesquisa”, que é também uma agenda para transformação social, segundo ele, deve perguntar-se, por exemplo, “se a reforma educativa que foi produzida em São Paulo, baseada na associação entre o Estado e os movimentos sociais, melhorou qualidade das oportunidades educativas, a qualidade da educação na escola pública, lutando ao mesmo tempo contra a discriminação escolar e social baseada no gênero, na classe e na raça”. “Isso é sempre politicamente factível, mas, às vezes, projetos de reforma politicamente factíveis, baseados numa ética de compaixão democrática, carecem de competência técnica, tornando inevitável o fracasso”.

Com essas considerações finais do livro, Carlos Torres retoma o tema freiriano da aliança entre teoria e prática, competência técnica compromisso político. Não basta ter um caminho e saber para onde devemos caminhar: é preciso ter, além da vontade política, uma sólida formação teórica e científica para obter bons resultados no campo da educação. Toda vez que a educação popular desprezou a articulação entre o técnico e o político, ela preparou caminho para o fracasso.

Por isso, Paulo Freire, sobretudo nos últimos anos – principalmente depois da experiência de administrar a educação da prefeitura mais populosa do país – vinha insistindo na formação profissional do educador. Uma de suas obras mais recentes e de maior êxito editorial foi o livro *Professora sim, tia não*, no qual defende veementemente a formação técnica da professora e o respeito que ela deve ter como profissional e não como uma “parente” afetiva do aluno. O carinho da tia, adverte Paulo Freire, encobre suprepticamente uma deslegitimação e uma desprofissionalização do docente e de seu papel.

Em suas análises sobre a administração de Paulo Freire em São Paulo, Carlos Torres mostra as tensões e as pressões sofridas por Freire, evidenciando as dificuldades de uma pedagogia libertadora num contexto conservador. Ao deixar a Secretaria de Educação, na primavera de 1991, Paulo Freire declarou: “Mudar é difícil, mas é possível e urgente”. Mudar é difícil porque nenhuma transformação é pacífica. Paulo Freire sempre soube disso. Como mestre da simplicidade, apaixonado pela vida, Freire sempre enfrentou dificuldades na ação educativa, mas continuou alimentado pela esperança e pela força do diálogo. Nesse final de um século de conflitos, de guerras e de violência, não podemos nos cansar e chamar a atenção de toda pedagogia que possa contribuir para o entendimento e para a paz.

A pedagogia de Freire busca conscientizar sem violentar, sem humilhar. A humilhação é o contrário da educação libertadora. Nada menos freiriano do que o desrespeito pelas pessoas, sobretudo o desrespeito crescentes das políticas neoliberais pelos excluídos do campo, das periferias das cidades, pelo desmantelamento da escola pública e da previdência social.

As ideias de Freire podem gerar polêmica, mas nunca a sua pessoa, a sua personalidade, em que não há lugar para a hipocrisia. A repercursão extraordinária da sua obra, a sua atualidade sempre presente devem-se muito a esse respeito pela dignidade do aluno, do professor, do ser humano. Nesse final de século e possivelmente no próximo, mais do que nunca, vamos necessitar de uma pedagogia do diálogo, e do entendimento como a de Freire. Nesse contexto, como nos diz Torres, “podemos ficar com Freire ou contra Freire, mas não sem Freire”.

Moacir Gadotti